

Mobilizações na cidade do aço: memórias da greve na CSN – 1988

Paulo Alves, Márcia Barroso, Luanda Lima e Luna Ribeiro*

Resumo:

O artigo analisa a construção de memórias sobre os movimentos sociais da década de 1980, em Volta Redonda, tendo como foco a greve da CSN de 1988, a partir das articulações entre os diversos grupos sociais e da formação de identidades.

This article aims to analyze the social memory about the social movements, which have acted in the 1980, in Volta Redonda city, focusing on the CSN strike in 1988. It is done by taking into account the connections among social groups and the identity building process.

Palavras-chave: Trabalhadores, sindicato, movimentos sociais e greve; Workers, Unions, social movements, strike

Introdução

Este artigo¹ analisa as articulações entre os sindicatos e os movimentos sociais estabelecidas na cidade de Volta Redonda nos anos 1980. Com essas mobilizações podemos ver a cidade como uma interessante experiência em termos de atuação política. Para tanto, demos atenção especial à greve da Companhia Siderúrgica Nacional, ocorrida em 1988.

Através de entrevistas feitas com diversos atores sociais, notamos que essa greve deixou marcas profundas na memória dos trabalhadores, nas suas lutas e percepções cotidianas. As fontes orais dialogam com jornais, revistas da época, material produzido pelo Sindicato dos Metalúrgicos, além da literatura acadêmica² sobre o assunto.

* Alunos graduandos do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Fianciamento: FAPERJ e CNPQ

¹ O artigo é fruto de pesquisas que estão sendo realizadas pelo Núcleo de Estudos Trabalho e Sociedade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a coordenação dos professores Marco Aurélio Santana e José Ricardo Ramalho.

² Mesmo tendo significativa importância histórica, pouco se escreveu sobre este tema, se fizemos uma comparação, por exemplo, com a produção acadêmica sobre a região do ABC paulista (Santana, 2003).

A memória individual existe balizada por uma memória coletiva, já que todas as lembranças são constituídas dentro de um grupo social. Ela não está isolada; é construída a partir de referências e lembranças compartilhadas por outros. A memória não é, portanto, um fenômeno íntimo e individual, como nos parece num primeiro momento, mas deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social; construído coletivamente num processo de “negociação” entre a memória coletiva e a memória individual (Halbwachs, 2004).

O entendimento desta memória possibilita vermos a atuação dos sujeitos nos movimentos sociais da década de 1980, em Volta Redonda, as suas articulações dentro de um contexto mais amplo, e a formação de uma identidade específica, nos remetendo a uma “época de ouro” do sindicalismo brasileiro.

Volta Redonda e os “anos de ouro” do movimento sindical

Em fins dos anos 1970, o movimento sindical e operário, favorecido pela conjuntura política - o arrefecimento da ditadura, a abertura política, a transição para a democracia – e econômica, ampliam seu campo de atuação junto aos trabalhadores, vivendo o que pode ser considerado um de seus momentos de ouro (Santana, 2003).

O pioneirismo deste movimento se deve, principalmente, aos operários do ABC paulista, que deflagraram a greve de 1978, na região industrial mais importante do país³. A crítica aos mecanismos de atrelamento do sindicato ao Estado e a luta por liberdade e autonomia sindical são alguns dos pilares do então chamado “novo sindicalismo”⁴.

Volta Redonda, conhecida como a “cidade do aço”, onde se localiza a CSN, acompanha também a conjuntura sindical nacional. Várias manifestações foram realizadas na cidade nos anos 1980. Dentre estas podemos destacar: a dos metalúrgicos, a de posseiros, a de direitos humanos e a das associações de moradores; muitas tendo o respaldo da Igreja Católica.

Entretanto, não tardou para que o Sindicato dos Metalúrgicos assumisse a proeminência dos movimentos sociais locais (Santana, 2006). Já em 1983 houve a primeira greve capitaneada pelo sindicato, na Companhia Metalúrgica Barbará, situada em Barra Mansa, abrindo um novo período histórico para os trabalhadores, as empresas e a cidade. Logo em 1984 ocorre a primeira

³ Abriram então caminho para diversas outras paralisações, efetivando-se entre as mais variadas categorias, das quais podemos citar: construção civil, professores, bancários e petroleiros.

⁴ Para uma relativização da idéia de “Novo Sindicalismo”, ver, entre outros, Santana (1999).

greve da CSN⁵. Nota-se o crescimento da participação dos trabalhadores e de suas mobilizações em torno das reivindicações comuns.

A greve de 1988 na CSN

A greve teve início no dia 07 de novembro de 1988 e duração de 17 dias. Metalúrgicos da CSN e da empresa coligada Fábrica de Estruturas Metálicas (FEM), somando cerca de 20 mil trabalhadores, aderiram à greve que assumiu um caráter avançado: a greve de ocupação⁶.

A usina foi ocupada por 3 mil operários. No dia 09 de novembro, a empresa foi invadida pelo exército resultando na morte de três operários. Esta investida foi tão devastadora que, além da extrema violência destinada aos grevistas, a população local e pessoas da imprensa foram agredidas.

Os motivos da greve giravam em torno da luta contra o arrocho salarial ao qual estavam submetidos os trabalhadores. Os sindicalistas exigiam: devolução de 26,06% referente à inflação de junho de 1987 (Plano Bresser); pagamento da Unidade de Referência de Preços (URP) de julho do ano corrente, de 17, 68%; jornada de trabalho de 06 horas; readmissão dos demitidos por participação em greves; e fim do clima de repressão por parte das chefias da CSN (Gracioli, 2000: 64).

Embora o então presidente da estatal, Juvenal Osório Gomes, tenha declarado que não negociaria com os grevistas e que iria vencê-los pelo cansaço⁷, os trabalhadores, mesmo após a morte de três companheiros, permaneceram em greve e só retornariam ao trabalho com a retirada das tropas do exército da usina⁸.

Em linhas gerais, a greve foi vitoriosa, com a conquista parcial das reivindicações. Os grevistas contaram com a presença de toda a população da cidade, que se uniu em manifestações de apoio à greve numa expressão da aliança entre os movimentos sociais e sindicais⁹.

⁵ Uma greve de ocupação que contou com a participação de 22 mil trabalhadores (Veiga e Fonseca, 1989)

⁶ *Jornal do Brasil*, 9 de novembro de 1988, p. 7.

⁷ Idem.

⁸ A explicação para tão agressiva atuação do exército frente aos trabalhadores de Volta Redonda, segundo o governo José Sarney, então Presidente da República, foi a de que as tropas que invadiram a fábrica só intentavam “proteger o patrimônio nacional”. A empresa deixou de produzir 13 toneladas de aço por dia. (*Jornal do Brasil*, 9 de novembro de 1988, p. 7)

⁹ Essa greve representou, para além das conquistas dos trabalhadores da siderúrgica, uma luta contra as novas propostas governamentais, que se escondiam sob a bandeira da transição democrática.

Memórias em articulação

Neste contexto de forte agitação política, a greve de 1988 apresenta-se como o ápice das manifestações ocorridas em Volta Redonda, obtendo amplo apoio de outros movimentos sociais da cidade. Percebemos assim, a existência de certa “cultura política” em relação às manifestações populares, como vemos neste relato:

“(...) Eu era simplesmente um militante, e não tinha esse negócio... era militante de movimento de enfermeiro, militante de movimento de construção civil, movimento de comerciários, onde tinha alguma coisa pra fazer frente ao poder que ainda estava nas mãos dos militares, eu tava...”¹⁰.

Segundo o relato do mesmo entrevistado, a própria sede do sindicato poderia ser utilizada para também ser a “sede” de outros movimentos:

“Surgiu num local cedido pelo sindicato uma associação de doméstica, associação de lavadeiras e..., nós ajudamos muito na tomada do sindicato da construção civil... os movimentos populares... houve o CONAM, que era o conselho de moradores, também usavam o nosso local, tinha uma relação muito estreita... o movimento de mulheres...”¹¹.

Não podemos ver esses relatos de forma romantizada, como se tudo operasse sem tensões. Ocorriam “rachas”, desentendimentos, e o processo não se efetivava de forma tão simples. Todavia, é visível a presença de uma memória que cultivava uma determinada “época de ouro” dos movimentos sociais. Em vários depoimentos pudemos perceber que na cidade “fervilhavam” manifestações sociais e políticas. Observamos, assim, a presença de certos “eixos” colaborativos entre os militantes, como vemos nesse relato sobre a greve de 1988:

“(...) Teve a famosa greve de 88, e aí, quando nós começamos a perceber o movimento exagerado de carros militares chegando de outros lugares, nós sentíamos que eles estavam se preparando para pegar pesado e aí nós resolvemos que quem não era metalúrgico, ir pra praça Macedo Soares e fazer barulho... e o exército chegou e foi todo pra dentro da usina...”¹².

Outro fator que contribuiu para a construção de uma determinada “cultura política” foi o apoio dado pela Igreja Católica, tendo como liderança o bispo Dom Waldir Calheiros. Como observamos:

“É indiscutível naquele período o esforço que a Igreja fez pra envolver as comunidades nas mobilizações. Então, é, o Bispo tinha uma coordenação que incentivava muito nesse sentido e a todo tempo procurava trabalhar integrado com o sindicato, com as

¹⁰ Neste trabalho optamos por preservar o nome dos entrevistados. Entrevistado 1: entrevista concedida a Marco Aurélio Santana, Luanda Lima, Márcia Barroso e Renan Elisio, em dezembro de 2007. Militante de partido político.

¹¹ Entrevistado 1: Militante de partido político.

¹² Entrevistado 1: Militante de partido político.

*associações de moradores, é, incentivando a mobilização, a participação, apoiando inclusive materialmente, né? E principalmente politicamente.”*¹³

A greve de 1988 representou, assim, o momento de maior visibilidade das manifestações sociais na cidade. Embora sendo específica, contou com a colaboração de vários setores sociais. Neste sentido, entender as manifestações dos trabalhadores na “cidade do aço” significa também entender as articulações e os meios de colaboração entre os mesmos.

A pesquisa sobre a cidade de Volta Redonda está em andamento, necessitando de novos elementos para o entendimento do sindicalismo na região e também dessa época em especial, que tem sido trabalhada pela memória como a “década das mobilizações”.

Bibliografia

- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (2006). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fund. Getulio Vargas.
- GRACIOLLI, E. J. (2000). “Fundo Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda: uma experiência de pesquisa”, *Cad. AEL*, v. 7, n. 12-13.
- HALBWACHS, Maurice (2004). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro.
- POLLAK, Michael. (1992) “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, CPDOC, pp.200-212.
- RAMALHO, J.R. e SANTANA, M. A. (2006). *Trabalho e desenvolvimento regional: efeitos da indústria automobilística no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad: UFRJ – PPGSA; Brasília, DF: CAPES.
- SANTANA, Marco Aurélio (1999). “Entre a Ruptura e a Continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 14, nº 41, Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
- _____. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990. In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. de A. N. *Brasil Republicano – vol.4 – No tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. “Da plenitude ao vazio na Cidade do Aço: memórias dos movimentos sociais em Volta Redonda (1980-1990). *História Oral*. Vol. 9, N.1, Rio de Janeiro: Associação Brasileiro de História Oral.
- VEIGA, Sandra Mayrink e FONSECA, Isaque (1989). *Volta Redonda – entre o aço e as armas*. Petrópolis: Vozes.

¹³ Entrevistado 2: entrevista concedida a Marco Aurélio Santana, Cristiane Thiago e Fernando Pozzobon, em novembro de 2003. Militante do Movimento pela moradia.